



VÍSCERAS NEOLIBERAIS: RESENHA DE CAPITALISMO GORE

Neoliberal viscera: a review of Gore Capitalism

Mateus de Melo Albuquerque ¹

RESUMO

Chegou ao Brasil a tradução de *Capitalismo Gore*, da mexicana Sayak Valencia, Doutora em Filosofia, Teoria e Crítica Feminista. O livro escrito por Sayak é uma interpretação latino-americana sobre as relações entre política e economia em nosso próprio território, que pensa o papel da violência no capitalismo e sua derivação em *gore*. Durante o livro, Valencia passeia pelos mais variados temas, cuja interdisciplinaridade dá profundidade e relevância ao seu estudo, como sociologia do trabalho, epistemologia feminista e estudos das masculinidades. Apresento as ideias gerais de cada um destes elementos na presente resenha.

Palavras-chave: Capitalismo; América Latina; violência.

ABSTRACT

The Portuguese translation of “Gore Capitalism” by Mexican author Sayak Valencia, PhD in Philosophy, Theory, and Feminist Criticism, has arrived in Brazil. Sayak's book is a Latin American interpretation of the relationship between politics and economics in our own territory, reflecting on the role of violence in capitalism and its consequences in *gore*. Throughout the book, Valencia explores a wide range of topics, whose interdisciplinarity lends depth and relevance to her study, including the sociology of labor, feminist epistemology, and masculinity studies. I present the general ideas of each of these elements in this review.

Keywords: Capitalism; Latin America; violence.

*Ese muerto y la mirada sin miedo de mi hermana
me dicen que debo hacer algo con ello,
porque si no, eso hará algo conmigo.
Sayak Valencia, 2022, p. 218.*

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE). E-mail: mateusmeloalb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6010-4456>.

Chegou ao Brasil a tradução de *Capitalismo Gore*, da mexicana Sayak Valencia, Doutora em Filosofia, Teoria e Crítica Feminista. O livro escrito por Sayak é uma interpretação latino-americana sobre as relações entre política e economia em nosso próprio território, que pensa o papel da violência no capitalismo e sua derivação em *gore*. Esta interpretação foi escrita em meio a um espaço fronteiriço: Tijuana, cidade natal da autora, localizada na costa oeste do México. Apesar disso, as análises tecidas também podem ser facilmente associadas ao caso brasileiro, como por exemplo, no caso da violência organizada no Brasil. Segundo ranking elaborado pela ONG *Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal no México*, em 2018 (8 anos após o lançamento original de *Capitalismo gore*) Tijuana teve uma taxa de homicídio de 138,26 por 100 mil habitantes, sendo classificada como a cidade mais violenta do mundo (Ruic, 2019). A alta incidência de violência no município é atribuída principalmente à intensa disputa territorial e política entre os cartéis de drogas que controlam a região.

O *capitalismo gore* é um produto do narcotráfico e do narcopoder que rompe com as lógicas de produção do capital, substituindo-as por um novo tipo de mercadoria, através de técnicas predatórias de violência: a destruição do corpo. Se para Marx o processo de acumulação capitalista se dá através do acúmulo de mercadorias e da força de produção transformada em mais-valor, no contexto do *capitalismo gore*, esse acúmulo é calculado a partir do número de mortes concentradas nas mãos de “sujeitos endríagos”, os empreendedores *gore* (irei descrevê-los mais adiante). O *capitalismo gore* é o lado b da globalização em territórios fronteiriços e terceiro mundistas que se manifesta no crime organizado, no narcotráfico e na inércia do Estado frente a estes problemas.

Gore é um gênero cinematográfico de violência extrema caracterizado pelo derramamento de sangue, explosão de vísceras e desmembramento de partes do corpo humano. Para ajudar as pessoas leitoras a imaginarem a sua representação, descrevo a cena clímax do filme *A substância*: depois de passar por um longo processo de mutação corporal em busca da sua já perdida juventude, Elisabeth Sparkle tornou-se um monstro que passeia por Los Angeles até chegar ao palco de um show de réveillon amplamente televisionado. Lá, depois de ser decapitado por um homem que tenta se livrar daquela aberração, este monstro reconstitui novas cabeças no lugar da que lhe foi roubada. A cena que se segue é, literalmente, um banho de sangue. Partes de seu corpo começam a explodir, jorrando ininterruptamente vísceras sobre a plateia e o cenário.

O livro de Sayak Valencia é dividido em 5 capítulos: 1. *A explosão do Estado como formação política*; 2. *A reconfiguração do conceito de trabalho*; 3. *A nova máfia*; 4. *Necropolítica*; 5. *À margem do border, me chamo lâmina: capitalismo gore e feminismo(s)*. Durante estas unidades

textuais, Valencia passeia pelos mais variados temas, cuja interdisciplinaridade dá profundidade e relevância ao seu estudo, como sociologia do trabalho, epistemologia feminista e estudos das masculinidades. Apresento as ideias gerais de cada um destes elementos e capítulos a seguir:

No *Capítulo 1. A explosão do Estado como formação política*, Valencia defende que o século XXI pode ser entendido como um período de violência atenuada pelo neoliberalismo e pelo advento da globalização. A globalização seria, para a autora, um estágio de desregulação do trabalho, desterritorialização internacional, decodificação dos fluxos financeiros e de transferência de dinheiro na velocidade da informação. Sayak sugere, então, que uma ideia já posta na geopolítica, a de “Estado-nação” deve ser substituída por “Mercado-nação”. Esta última não se limita a uma unidade geográfica e política que se constitui com base no pertencimento de uma massa de indivíduos a uma mesma nação, como seria o caso da primeira. O “Mercado-nação” tem como característica particular a transnacionalidade cultural de bens de consumo que muitas vezes só podem ser adquiridos de forma ilegal.

No terceiro mundo, e, portanto, também no Brasil, a queda do Estado em favor do Mercado, resultou na criação de um Estado alternativo, hiperconsumista e violento. Segundo Valencia, o México possui a parte mais estável da sua economia em um setor cinzento, o que leva a população civil a uma situação crítica e precária, perante a qual o modelo criminal apresenta-se como uma resposta aceitável aos seus problemas. Assim, a máfia passa a cumprir muitas funções do Estado, como a construção de escolas e hospitais, deflagrando não só o seu avanço, como também a dificuldade de a combater. A violência é, então, utilizada como “tecnologia de controle” (Valencia, 2024, p. 36), o que inclui tanto seu caráter prático (como a morte e a tortura), quando simbólico (como as representações midiáticas de sujeitos endríagos).

Desde o início do capítulo 2. *A reconfiguração do conceito de trabalho*, há o confronto de procurar entender o que aconteceu com o trabalho com as reconfigurações que as práticas *gore* trazem ao modelo marxista de produção-consumo, já que o desdobramento *gore* não se isola do capitalismo como um todo, mas precisa ser entendido como parte desta estrutura: “No capitalismo *gore*, a força de trabalho é substituída por práticas *gore*, entendidas como o exercício sistemático e repetido da violência mais explícita para produzir capital” (Valencia, 2024, p. 67). As reações do terceiro mundo às exigências de ordem econômica atuais conduzem à criação de uma ordem de poder subjacente, que fazem da violência uma arma de produção e a globalizam.

Para Sayak, a série de eventos que dão origem ao *capitalismo gore* é tão difusa que torna-se uma tarefa árdua recompor uma genealogia da sua origem. Um marco fundamental seria a

liberalização dos mercados a partir de 1971, que segue em aperfeiçoamento até o final dos anos 1980, com a queda do bloco soviético, quando o capitalismo se instala retoricamente como único modelo econômico possível. Neste período, o crime organizado deixa de ser entendido como um fenômeno local e passa a ser um empreendimento transnacional. O *capitalismo gore* também tem sua formação num contexto geográfico de migração, no qual o narcotráfico se beneficia da “revalorização do campo” (Valencia, 2023, p. 70), aproveitando-se também da privatização e comercialização de fármacos em circuitos “oficiais” para criar as redes necessárias para a atuação criminal. A esse ponto, em minha leitura, um conceito bastante dialógico, o de indústria farmacoponográfica, de Paul B. Preciado (2018) seria insuficiente para dar conta deste contexto específico. Embora tanto teoria de Valencia quanto a de Preciado deem importância à necessidade de entender o circuito ilegal de drogas e a inércia do mercado farmacêutico frente a eventos de crise de saúde pública como eixos fundamentais do capitalismo contemporâneo, Sayak atualiza o tipo de leitura que pode ser feita ao equacionar esse fenômeno com práticas de violência explícita².

No contexto terceiro mundista, a insubmissão de jovens a um sistema que lhes dá pouco (ou nada), os faz enxergar no alistamento à máfia a chance de cumprir os mandamentos capitalistas cis heteropatriarcais e fugir da desvirilização (Valencia, 2024, p. 96; p. 117). A glorificação da cultura criminal inaugura uma nova classe social baseada na narco cultura: a classe criminal. A condição de heroificação dos “sujeitos endríagos”, torna-os triunfantes da lógica capitalista e cria um imaginário de legitimação de suas ações para a cultura popular.

O termo “endríago” vem da literatura medieval, quando na novela “*Amadis de Gaula*”, o protagonista precisa lutar contra o monstro Endriago, cruzamento de homem com hidra e dragão. Trata-se de um texto sobre o retorno dos monstros. Os sujeitos endríagos são um conjunto de indivíduos surgidos no pós-fordismo que se inscrevem em uma subjetividade capitalista a partir do filtro das condições de precarização da economia e do agenciamento ontológico de práticas de ultraviolência, são os empreendedores *gore*. Eles desempenham, simultaneamente, o papel de empreendedores econômicos, empreendedores políticos e especialistas em violência: “O assassinato agora é concebido como uma transação, a violência extrema como uma ferramenta de legitimidade, a tortura dos corpos como um exercício e uma demonstração de poder” (Valencia, 2024, p. 111). Do ponto de vista dos estudos de gênero e das masculinidades, neste ponto é necessário se atentar ao fato de que a autora limita sua análise ao contexto da violência extrema. Não são apresentadas,

² Em *Capitalismo gore*, Sayak Valencia dialoga bastante com o livro *Testo Junkie*, de Paul B. Preciado. Inclusive, o estilo de escrita de ambos é bastante parecido e Valencia agradece a Preciado pelo seu trabalho de orientação na escrita de *Capitalismo gore*.

portanto, análises sobre masculinidades em contextos de precarização econômica e radicalização política que não contem com o “conteúdo *gore*”.

Durante o *Capítulo 3. A nova máfia*, Sayak apresenta o entrelaçamento entre máfia e capitalismo e argumenta que organizações como cartéis não diferem substancialmente de empresas reconhecidas, no que diz respeito ao seu alto grau de organização: trata-se de uma “empresa com múltiplos níveis” (Valencia, 2024, p. 126). As figuras que ocupam este tipo de empreendimento são: os chefes, financiadores que controlam as atividades; os profissionais de manejo, que são responsáveis pela preparação e distribuição de drogas; os chefes de *plaza*, que cuidam da logística de circulação urbana dos ilícitos; os vendedores, figuras mais facilmente reconhecíveis; além de uma equipe militar/grupo de choque, responsável pela segurança desta estrutura.

A violência especializada faz parte daquilo que Sayak lê como zonas nacionais de sacrifício: a ocorrência de regiões geográficas que, juntamente com sua população, são consideradas improdutivas para o sistema capitalista. Em territórios como estes, o neoliberalismo se evidencia como um modelo econômico incapaz de fornecer qualquer ferramenta de integração social, impulsionando o consumo e distorcendo o contexto de trabalho. Essas zonas são o lugar do “vale tudo”. O processo de especialização da violência também se pauta na criação de “marcas de assinatura”, através das quais, gangues criam registros específicos de sua atuação, como *trademarks* (por exemplo: preferência por decapitação). Estes fenômenos não podem ser compreendidos à parte do caráter pedagógico da mídia, que frequentemente patrocina as práticas *gore* através do jornalismo hiper sensacionalista que bombardeia a população com estímulos semióticos fornecendo propaganda gratuita para o crime organizado. Mais uma vez, o contexto analisado por Valencia aproxima-se do brasileiro na semelhança da discussão feita pela autora acerca da mídia, com o papel de noticiários como *Brasil Urgente* em nosso território nacional.

Sayak defende que as técnicas de violência *gore* foram criadas pelo estado disciplinar, mas distribuídas por meios não oficiais, já que ex-militares integram essas gangues com seu treinamento especializado. Este é um dos poucos comentários superficiais que a autora faz sobre a atuação de militares no contexto *gore*, faltando à obra uma análise mais robusta sobre as relações entre militarismo, masculinidades e violência no contexto latino-americano. Tijuana, capital *gore*, é o espelho negativo de sua irmã meridional, a cidade de San Diego na Califórnia, da qual se coloca a uma distância de apenas 28 km (aproximadamente) encerradas por uma série de barreiras geopolíticas que distribuem as chances de viver uma vida “vivível” de modo oposto em ambos os municípios. O fechamento (ou endurecimento) das fronteiras entre México e Estados Unidos, após

o 11 de setembro, acarretou um afã de sobrevivência. A partir de então, “pisou-se fundo no acelerador do recrudescimento da violência” (Valencia, 2024, p. 166), o que jogou muitas pessoas à procura de “novos negócios”.

No *Capítulo 4. Necropolítica*, Sayak ativa o conceito de necropolítica para pensar o processo de reinauguração da biopolítica. Se para Foucault, os estados estavam ocupando-se, durante o último século, de encontrar formas de investir na vida, a necropolítica põe um novo enclave, pensando a governamentalidade como uma técnica utilizada para causar o fim da vida. A expressão máxima de soberania, mesmo que este seja um termo muito mais foucaultiano que valenciano, é encontrada na possibilidade de ditar quem pode viver e quem pode morrer. Em minha interpretação, a necropolítica de Sayak diferencia-se ainda daquela popularizada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, pois o segundo analisa as práticas de dominação, violência e morte que têm sido produzidas pelos Estados modernos, considerando especialmente políticas genocidas e racistas. No seu livro *Necropolítica* (Mbembe, 2018), o autor reflete sobre as diferentes formas contemporâneas de poder e violência que têm sido exercidas pelo capitalismo global. Enquanto Mbembe atém-se à crítica a violência de Estado, o uso que Valencia faz do termo “necropolítica”, diz respeito à política paraestatal mobilizada pelos sujeitos endríagos e pela máfia: “a necropolítica possui um caráter múltiplo, pois tanto é exercida pelos atores ilegítimos quanto pelos atores legítimos da biopolítica” (Valencia, 2024, p. 183).

No último capítulo do livro, 5. *À margem do border, me chamo lâmina: capitalismo gore e feminismo(s)*. O pensamento transfeminista de Sayak Valencia compõe um manifesto das práticas teóricas e políticas do feminismo. A autora pulveriza definições universalistas dos interesses, das teorias e das políticas feministas para afirmar que estamos lendo um trabalho escrito do/sobre/para o Sul Global. Valencia recusa o que chama de crítica simplista da violência como instrumento de estruturação do capitalismo, na medida em que parte de uma conceituação plural dos feminismos, compreendendo estes como “conhecimentos situados geopoliticamente, e como respostas a contextos específicos nos quais se desenvolvem” (Valencia, 2024, p. 17). Valencia propõe desgarrar-se de análises primeiro mundistas, pois deslocalizam-se espacialmente, politicamente e analiticamente de contextos específicos.

Neste momento, o transfeminismo oferece as ferramentas de reconstituição dos sujeitos a partir de posições subalternizadas, o que permite a Sayak indagar sob quais condições os sujeitos podem constituir suas masculinidades, suas capacidades de executá-las e criar um discurso de resistência — a autora faz isso especialmente como uma crítica à masculinidade endríaga. Valencia

alerta: “é necessário cautela com respeito à desconstrução do gênero masculino [...] devemos considerar que a desconstrução da masculinidade hegemônica pode levar à construção de novas masculinidades que não sejam [...] desejáveis” (Valencia, 2024, p. 231). A imprevisibilidade da vontade de mudar as masculinidades é, para a autora, uma faca de dois gumes se não acontecer aliada a uma perspectiva de gênero e ao transfeminismo. Deste modo, a reconfiguração das masculinidades deve articular-se aos projetos de resistência à norma cis heteropatriarcal, repensando o papel do gênero e da violência.

O livro chega ao Brasil como forte contribuinte para estudos em gênero, comunicação, sociologia da violência e sociologia do trabalho, entre outras áreas. Todavia, as suas discussões não devem se encerrar no contexto do narcotráfico mexicano, visto que são bastante similares ao crime organizado que opera em toda América Latina. É importante apontar que falta ao livro uma discussão mais robusta do papel que organizações estatais, como a polícia, por exemplo, exercem nos contextos *gore*. A leitura da obra remete, por exemplo, a situações como a chamada “chacina do Jacarezinho”, massacre policial que deixou 28 mortos no bairro carioca Jacarezinho em 2021. Todavia, a autora não deixa claro de que maneira instituições estatais efetivamente participam dos fenômenos analisados, para além de rápidos comentários. Devo sugerir a quem lê esta resenha que, se possível, também leia a obra em espanhol, em especial o seu apêndice (*The very beginning*), pois, infelizmente, o tom pessoal que Sayak dá ao último parágrafo do livro, perdeu-se na tradução. Devemos fazer algo sobre a violência, “*porque si no, eso hará algo conmigo*”.

REFERÊNCIAS

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

RUIC, Gabriela. “Estas são as 50 cidades mais violentas do mundo”. *Exame*, 6 abr. (caderno Mundo). Disponível em:

<https://exame.com/mundo/estas-sao-as-50-cidades-mais-violentas-do-mundo/>, 2019, consultado em 30/04/2025.

VALENCIA, Sayak. *Capitalismo gore*. Cidade Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2022.

VALENCIA, Sayak. *Capitalismo gore*. Tradução de Igor Peres, São Paulo, sob influência edições, 2024.

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

Licença e Direitos:

Visceras neoliberais: resenha de Capitalismo Gore, direitos autorais de Mateus de Melo Albuquerque, 2025, licenciado sob [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

